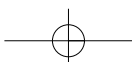
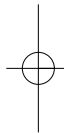
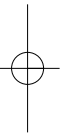
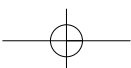
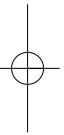


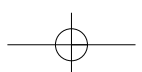
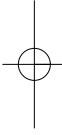
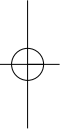
## O Anjo mais Estúpido





**Christopher Moore**  
**O Anjo mais Estúpido**

Tradução de  
Leonor Bizarro Marques





**Leya, SA**

Rua Cidade de Córdova, n.º 2  
2610-038 Alfragide • Portugal

Reservados todos os direitos  
de acordo com a legislação em vigor

© Christopher Moore, 2004  
© Edições Gailviro, 2007  
© 2009, Christopher Moore e LeYa, SA

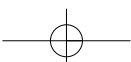
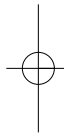
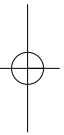
Capa: Rui Belo/Silva!designers

Revisão: Clara Joana Vitorino  
1.ª edição BIS: Setembro de 2009  
Paginação: Júlio de Carvalho, Artes Gráficas  
Depósito legal n.º 293 823/09  
Impressão e acabamento: Litografia Rosés, Barcelona, Espanha

ISBN: 978-989-660-026-6

<http://bisleya.blogs.sapo.pt>

Este livro é uma obra de ficção. As personagens, incidentes e diálogos são produto da imaginação do autor e não devem ser tidos como reais. Qualquer semelhança com eventos ou pessoas reais, vivas ou mortas, é pura coincidência.



Este livro é dedicado a:

MIKE SPRADLIN

que me disse:

– Sabes, devias escrever um livro de Natal.

E a quem perguntei:

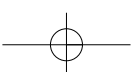
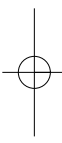
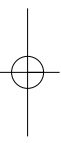
– Que tipo de livro de Natal?

Ao que ele respondeu:

– Não sei, talvez um Natal em Pine Cove,  
ou algo do género.

Ao que eu respondi:

– OK.



## Agradecimentos

O autor agradece a todos os que o apoiaram:

Como sempre, ao meu intrépido agente, Nicholas Ellison; à minha brilhante editora Jennifer Brehl; a Lisa Gallagher e a Michael Morrison, pela sua permanente confiança nas minhas aptidões como contador de histórias; a Jack Womack e a Leslie Cohen, por viabilizarem os meus encontros com os leitores e com a imprensa; aos Huffmans, por me prepararem o local para a aterragem e pela calorosa recepção; a Charlee Rodgers, pelas suas cuidadosas leituras e comentários e por me apoiar em todo o processo; e, finalmente, a Taco Bob, cuja ideia aproveitei, alegremente, para escrever o capítulo 16 (com cuja permissão quase a arruinava por completo).

### Aviso do Autor

Se está a pensar comprar este livro para oferecer à sua avó ou a um filho, deverá estar ciente de que contém palavrões, bem como primorosas descrições de canibalismo e de pessoas com mais de quarenta anos a praticarem sexo. Depois não me culpe. Eu avisei.

## Capítulo 1

### O NATAL INFILTRA-SE

O Natal foi-se infiltrando em Pine Cove, como uma criatura rastejante, levando consigo laços, grinaldas, guizos de trenó, licor de ovos, odor a pinho e uma sinistra predestinação festiva (qual ferida gelada sob o visco!).

Pine Cove, uma jóia pseudo-Tudor, emboncada para a festa – luzes intermitentes em todas as árvores ao longo de Cypress Street, neve fingida em todas as montras, miniaturas do Pai Natal e velas gigantes a flutuarem sob todos os candeeiros de rua –, abria as suas portas aos rebanhos de turistas oriundos de Los Angeles, São Francisco e de Central Valley, em busca do momento, com maior significado, das suas compras de Natal.

Pine Cove, uma vila meio adormecida na costa da Califórnia, uma cidade brinquedo, com mais galerias de arte que bombas de gasolina, mais espaços para prova de vinhos que lojas de ferragens, ali estendida, mais oferecida que uma rainha de baile bêbeda, com o Natal a agigantar-se a escassos cinco dias de distância. O Natal estava a chegar e este ano trazia consigo «A Criança». Ambos eram enormes, irresistíveis e miraculosos, mas Pine Cove estava apenas a contar com um.

Não quer dizer que os residentes não vivessem o espírito natalício. As duas semanas antes e depois do Natal proporcionavam uma abençoada vaga de dinheiro que enchia os cofres da cidade; os habitantes andavam esfomeados de turistas desde o Verão. Todas as empregadas de mesa limpavam os barretes de Pai Natal, aplicando-lhes chifres de rena, e verificaram se tinham quatro canetas decentes nos respec-

tivos aventais. Os recepcionistas de hotel interromperam, por instantes, a fúria das marcações de última hora, enquanto o pessoal da limpeza substituía os habituais purificadores de ar com um odor fétido a pó de talco, por outros mais festivos, com um odor fétido a pinho e canela. Na Boutique Pine Cove, penduraram um letreiro a informar «Promoção de Natal» numa horrível camisola com renas, marcando-a pelo décimo ano consecutivo. Os Alces, os Veados, os Pedreiros e os Veteranos de Guerra, que reuniam quase sempre o mesmo grupo de velhos bêbedos, teciam planos enérgicos para o desfile de Natal em Cypress Street, cujo tema este ano seria o Patriotismo na caixa de uma *pick-up* (sobretudo porque tinha sido o tema do desfile do 4 de Julho e guardaram os enfeites). Inúmeros habitantes de Pine Cove ofereceram-se para auxiliar o Exército de Salvação, ficando junto dos potes, em frente dos Correios e do Thrifty-Mart, dezasseis horas por dia, em turnos de duas horas, a tocar sinetas, de fato vermelho e barba postiça, como se competissem nas Olimpíadas de Pavlov<sup>1</sup> para a medalha de ouro em cuspo de cão.

– Larga o dinheiro, meu filho da mãe, ordinário – gritou Lena Marquez, encarregada do pote naquela segunda-feira, cinco dias antes do Natal. Lena perseguira Dale Pearson, o agente imobiliário perverso de Pine Cove, até ao parque de estacionamento, onde tentava assustá-lo com a sineta, enquanto ele se dirigia para a carrinha. Antes de entrar no Thrifty-Mart, Dale acenara-lhe com a cabeça e dissera:

– Dou à saída.

Mas, quando saiu, oito minutos depois, carregado com mercearias e um saco de gelo, passou a correr pelo pote, como se Lena estivesse a fazer velas com a gordura do rabo dos fiscais das obras e ele tentasse escapar ao fedor.

---

<sup>1</sup> Ivan Petrovitch Pavlov, fisiólogo e psicólogo russo mundialmente conhecido pelas suas descrições do fenómeno hoje conhecido como reflexos condicionados e que estudou a produção de saliva dos cães quando expostos a determinados estímulos. Sabe-se que Pavlov recorria frequentemente ao uso de uma sineta para assinalar, aos animais, a presença de comida. (*N. da T.*)

– Não me digas que não podes dispensar alguns dólares para os menos afortunados?

E abanou-lhe a sineta, sonoramente, bem junto do ouvido. Dale virou-se e balançou o saco de gelo na direcção de Lena, mais ou menos ao nível das ancas.

Ela saltou para trás. Era uma mulher com trinta e oito anos, magra, de tez escura, pescoço delicado, maxilares finamente delineados, tal como uma bailarina de flamenco, e longos cabelos negros, enrolados em forma de *donut*, tipo princesa Leia, debaixo de um barrete de Pai Natal.

– Não podes fingir o Pai Natal! As razões são tantas que me é difícil enumerá-las!

– Contá-las, queres tu dizer – respondeu Dale, com o sol de Inverno a cintilar nas facetas que colocara recentemente nos dentes da frente.

Tinha cinquenta e dois anos, era quase careca e ainda exibía os ombros largos e robustos de carpinteiro, apesar de a barriga de cerveja lhe pesar mais abaixo.

– Está errado! Tu estás errado e és um ordinário! – Dito isto, Lena voltou a colocar-lhe o sino junto do ouvido, abanando-o como um *terrier*, de fato vermelho, a sacudir um rato em metal até à morte.

Incomodado com o ruído, Dale contraiu-se e balançou discretamente o saco de cinco quilos de gelo, atingindo Lena no peito e fazendo-a recuar em pleno parque de estacionamento, aflita em respirar. Foi então que as senhoras do BULGES chamaram a polícia. Melhor dizendo, o polícia.

O BULGES era um ginásio de mulheres, mesmo em cima do parque de estacionamento do Thrifty-Mart. Por isso, era fácil aos seus membros observarem do cimo dos tapetes de marcha e dos aparelhos de *step* quem entrava e saía do mercado local sem sentirem estar a praticar espionagem activa. Assim, o que começou por ser um episódio de pura exultação e doce adrenalina, para as seis mulheres que observavam Lena a perseguir Dale pelo parque de estacionamento, converteu-se num choque, logo que o agente perverso golpeou

a Mãe Natal latina, acertando-lhe em cheio na «fruta», com o saco de minicubos. Cinco delas limitaram-se a sorver o ar ou a tropeçar ligeiramente, mas Georgia Bauman – que naquele momento tinha o tapete de marcha regulado para os dez quilómetros à hora, na tentativa de perder sete quilos até ao Natal, para caber num vestido de lantejoulas vermelhas que o marido lhe oferecera num acesso de idealismo sexual – desequilibrou-se, aterrando num colorido emaranhado de *spandex*, pertencente aos estudantes de ioga, que praticavam a modalidade nos tapetes atrás de si.

– Ai o meu rabo, *chakra!*

– Isso é a tua raiz, *chakra!*

– A mim parece-me o rabo!

– Viste aquilo? Quase que a atirou ao chão, pobrezinha!

– Não era melhor ver se ela está bem?

– Alguém devia chamar o Theo.

As praticantes abriram os telemóveis em uníssono, como Jets a abrirem as navalhas de ponta e mola numa jovial coreografia de uma rixa mortal entre *gangs*, em *West Side Story*.

– Por que diabo casou ela com aquele tipo?

– É um filho da puta...

– E ela bebia.

– Geórgia, estás bem, querida?

– Conseguimos contactar o Theo se ligarmos o 112?

– Aquele estupor vai arrancar com o carro e deixá-la ali.

– Devíamos ajudá-la.

– Tenho de fazer mais doze minutos no aparelho.

– A rede é péssima nesta cidade.

– Tenho o número do Theo, em marcação rápida, por causa dos miúdos. Vou ligar-lhe!

– Vejam só a Geórgia e as meninas. Parece que estavam a jogar Twister e perderam.

– Estou? Theo, é a Jane. Estou a ligar-te do BULGES. Sim. Acabei de assistir pela janela a uma situação... acho que há problemas no Thrifty-Mart. Não é que eu me queira intrometer, mas parece que um certo empreiteiro acabou de agredir um Pai Natal do Exército de Salvação, com um saco de gelo. Fico à espera de ver o teu carro.

E fechou o telefone.  
 – Ele vem já a caminho!

O telemóvel de Theophilus Crowe tocou oito acordes de *Tangled up in Blue*, reproduzindo uma voz electrónica irritante, semelhante a um coro de moscas domésticas em sofrimento, ou a Jiminy Cricket depois de inalar hélio, ou mesmo o próprio Bob Dylan (dá para imaginar?). Na altura em que conseguiu abrir o telemóvel, já cinco funcionários da área de produção do Thrifty-Mart lhe lançavam olhares hostis, capazes de fazer murchar o molho de agriões que trazia no carrinho de compras. Sorriu como que dizendo: «Desculpem, também odeio, mas o que hei-de fazer?» Depois atendeu:

– Oficial Crowe – para lembrar toda a gente que não andava propriamente a passear. Ele era a LEI. – No parque de estacionamento do Thrifty-Mart? OK. Vou já para aí.

Uau, que situação mais conveniente. A vantagem de ser o único representante da autoridade numa cidade com apenas cinco mil pessoas era nunca estar demasiado longe do acontecimento. Theo, que tinha estacionado o carro no final do corredor, galopou através das caixas registadoras e das portas automáticas até ao parque de estacionamento. Era um indivíduo que usava ganga e flanela, tipo louva-a-deus, com dois metros de altura, cerca de oitenta e um quilos e com apenas três velocidades: a trote, a galope ou imóvel. Lá fora encontrou Lena Marquez, dobrada sobre si a tentar respirar. Dale Pearson, o ex-marido, entrava na *pick-up*.

– Tu aí, Dale, espera! – ordenou Theo.

Theo certificou-se de que Lena fora por momentos privada de ar e que, conseqüentemente, iria ficar bem. Depois dirigiu-se ao corpulento empreiteiro, que se detivera mantendo uma bota no estribo, como que tencionando prosseguir a sua vida mal a agitação amainasse em torno da sua carrinha.

– O que se passou aqui?  
 – Aquela chanfrada deu-me com o sino.  
 – Não dei nada... – murmurou Lena.

– Há uma testemunha que afirma teres-lhe batido com um saco de gelo, Dale. Isso é agressão!

Dale olhou, rapidamente, em redor e apercebeu-se de uma pequena multidão de mulheres à janela do ginásio. Naquele preciso momento, todas desviaram o olhar, regressando aos aparelhos que utilizavam na altura do incidente.

– Pergunte-lhes! Vão-lhe dizer que eu tinha o sino em cima da minha cara e que reagi em legítima defesa.

– Ele disse que faria um donativo ao sair da loja, mas na realidade não o fez – disse Lena com o fôlego recuperado.

– Assumi um compromisso e violou-o. No entanto, eu não lhe bati.

– É chanfrada – disse Dale, como se acabasse de afirmar que a água é molhada. Um facto demasiado óbvio.

Theo olhou para um e depois para o outro. Em tempos já se vira forçado a lidar com aqueles dois, mas julgara que tudo tinha ficado resolvido depois do divórcio, há cinco anos. (Fazia catorze anos que era oficial da polícia de Pine Cove e já assistira a muitas brigas entre casais.) A regra número um face a confusões domésticas consistia em separar as partes; mas tudo parecia estar consumado. Não devia tomar qualquer partido, mas como Theo tinha um fraquinho por mulheres chanfradas (casara com uma), fez o seu juízo de valor e decidiu concentrar-se em Dale. De resto, aquele gajo era um imbecil.

Theo deu uma palmadinha nas costas de Lena e caminhou, com um ar decidido, na direcção da carrinha de Dale.

– Não percas o teu tempo, ó *hippie* – avisou Dale. – Não tenho mais nada a dizer.

Subiu para a carrinha e fechou a porta.

«*Hippie?*» pensou Theo. «*Hippie?*» Há anos que cortara o rabo-de-cavalo. Já não usava Birkenstocks<sup>1</sup>, nem fumava erva. Porque lhe teria o gajo chamado *hippie*?

«*Hippie?*», repetiu para si e, depois, interpelou-o:

– Ei!

<sup>1</sup> Sandálias com sola de cortiça. (N. da T.)

Dale pôs o carro a trabalhar e engatou a primeira.

Theo empoleirou-se no estribo, inclinou-se sobre o pára-brisas e começou a bater-lhe com uma moeda de 25 cêntimos que, entretanto, encontrara nos bolsos dos *jeans*.

– Não te vás embora, Dale. – *Tap, tap, tap.* – Se fores, terás ordem de prisão. – *Tap, tap, tap.* – Theo estava furioso. Agora sim. Aquilo era raiva, sem dúvida.

Dale estacionou o carro no parque e carregou no fecho eléctrico para baixar o vidro.

– O que é? Que queres?

– A Lena quer apresentar queixa por agressão. Talvez com arma letal. Acho melhor pensares duas vezes antes de te ires embora.

– Arma letal? Era um saco de gelo...

Theo abanou a cabeça e, num tom afectado e caprichoso semelhante ao de um contador de histórias, disse:

– Um saco de gelo de cinco quilos. Espera até eu largar um bloco de gelo de cinco quilos em frente ao júri na sala de audiências, Dale. Imaginas o barulho? E os membros do júri todos encolhidos, observando-me a esmagar um melão sumarento com um bloco de gelo de cinco quilos, em cima da mesa do advogado de defesa? Não é uma arma letal? Senhoras e senhores, membros do júri, este homem, este desalmado, este bimbo, este... se me permitem... idiota de merda, atacou uma mulher indefesa que recolhia donativos para os pobres, de boa-fé, uma mulher que estava apenas...

– Mas não é um bloco de gelo é um...

Theo levantou o dedo.

– Nem mais uma palavra, Dale, até te ler os direitos. – Theo sentia que estava a conseguir perturbá-lo. As veias começavam, visivelmente, a latejar nas fronteiras do empreiteiro e a careca ganhava tonalidades de um cor-de-rosa vivo. – *Hippie*, não é? A Lena vai apresentar queixa com certeza, não é?

Lena caminhara até ao lado da carrinha.

– Não – disse ela.

– Cabra! – saiu-lhe, num ímpeto. Mas que grande embrulhada...

– Estás a ver como ela é? Quem te dera a ti, neste momento, ter um saco de gelo. Não é, ó *hippie*?

– Sou um agente da autoridade – disse Theo, desejando ter consigo uma arma, ou algo do género. Tirou a carteira com o distintivo, do bolso de trás das calças. No entanto, achou ser tarde de mais para mostrar qualquer identificação; na realidade conhecia Dale há mais de vinte anos.

– Sou um caribu, sim senhor! – disse Dale, demonstrando mais orgulho do que seria suposto.

– Prometo esquecer o assunto se ele colocar cem dólares no pote – informou Lena.

– És maluca!

– É Natal, Dale!

– O Natal que se foda e tu também!

– Ei! Não é preciso falares dessa maneira, Dale – protestou Theo, desempenhando o papel de um oficial da paz a zelar pelo bem-estar.

– Fazes o favor de sair da carrinha!

– Quinze dólares no pote e ele pode seguir – informou Lena. – É para os mais necessitados...

Theo virou-se, rapidamente, e olhou-a:

– Não podés negociar acordos judiciais no parque de estacionamento do Thrifty-Mart. Eu tinha-o controlado!

– Cala-te, ó *hippie* – ripostou Dale.

Depois virou-se para Lena e disse:

– Levas vinte dólares e os necessitados que levem no cu. Eles podem arranjar um trabalho como todos nós.

Theo estava certo de que tinha as algemas no *Volvo*. Ou estariam em casa, presas ao espaldar da cama?

– Não é assim que se...

– Quarenta! – gritou Lena.

– Negócio fechado – respondeu Dale. Em seguida, tirou duas notas de vinte da carteira, fez uma bola e atirou-as pela janela, fazendo-as ressaltar no peito de Theo Crowe. Meteu uma mudança e recuou.

– Pára imediatamente! – ordenou Theo.

Dale endireitou a carrinha e foi-se embora. Ao passar com a sua grande *pick-up* vermelha pelo *Volvo* de Theo,

estacionado no parque, a cerca de vinte metros de distância, um saco de gelo voou através do vidro e explodiu sobre a traseira do *Volvo*, espalhando cubos de gelo pelo parque de estacionamento. Sem causar quaisquer danos.

– Feliz Natal, cabra maluca! – gritou Dale da janela, ao virar. – Boa noite a todos, ó *hippie*!

Lena guardou as notas amachucadas no fato de Pai Natal, apertando o ombro de Theo à medida que o rugido da carinha se afastava.

– Obrigada por teres vindo, Theo.

– Parece que não fui uma grande ajuda. Devias apresentar queixa...

– Estou bem. De resto, ele acaba por se safar; tem bons advogados... Acredita que sei do que estou a falar. Além disso, recolhi quarenta dólares!

– Foi o espírito natalício – acrescentou Theo, sem conseguir esconder um sorriso. – Tens a certeza de que estás bem?

– Estou. Não é a primeira vez que ele perde as estribeiras comigo. – E deu umas palmadinhas no bolso do fato de Pai Natal. – Pelo menos serviu para alguma coisa. – E voltou para junto do pote. Theo seguiu-a.

– Tens uma semana para apresentar queixa, caso mudes de ideias!

– Sabes que mais, Theo? Não quero passar outro Natal a pensar no desperdício que Dale Pearson representa para a humanidade. Prefiro esquecer o assunto. E com alguma sorte, talvez ele ainda sofra algum azar festivo, de que temos sempre ouvido falar.

– Seria simpático...

– Quem está com o espírito de Natal?

Em qualquer história de Natal, Dale Pearson, o agente imobiliário perverso, egocêntrico, misógino e, segundo parece, um avaro incorrigível, seria visitado durante a noite por vários fantasmas que, depois de lhe proporcionarem visões gélidas de Natais passados, presentes e futuros, conseguiriam fazer aflorar a generosidade, a gentileza e uma certa

cordialidade daquele indivíduo para com o seu semelhante. Mas esta não é a típica história de Natal. Por isso, viradas algumas páginas, alguém vai despachar este miserável filho da puta com uma pá. É o tal espírito de Natal que está para vir. Ho, ho, ho!